


RESENHA


Darwin e o novo quadro da natureza

PIMENTA, Pedro Paulo. *Darwin e a seleção natural: Uma história filosófica*. São Paulo: Edições 70 e Discurso Editorial, 2020, 90 p.

 10.21680/1983-2109.2021v28n55ID22954

José Costa Júnior

Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG)

 0000-0002-1117-4853

jose.costajunior@yahoo.com.br

Numa análise acerca dos usos e dos direcionamentos dos discursos científicos para justificar preconceitos e concepções sociais e políticas, o historiador americano Robert N. Proctor refletiu sobre as diversas interpretações das hipóteses de Charles Darwin acerca da origem e do desenvolvimento das variadas formas vivas. Sua análise considera as múltiplas leituras da hipótese darwiniana realizadas desde a publicação de *On The Origin of Species*, em 1859, e estimula uma reflexão mais detida sobre as possibilidades interpretativas dessa que é uma das mais relevantes teorias científicas do mundo contemporâneo:

As pessoas encontram em Darwin o que querem encontrar. Onde [Andrew] Carnegie viu competição, [Piotr] Kropotkin via cooperação. Onde [C. Loyd] Morgan e [Samuel] Alexander viam a glória de Deus, os pragmatistas americanos viram a liberação do jugo da teologia. Onde [Herbert] Spencer viu a necessidade de luta, [August] Bebel via a possibilidade de simbiose.

O referido estudo de Proctor foi publicado em 1988 analisava como a hipótese de Darwin havia sido cooptada com o objetivo de justificar políticas racistas e visões sociais preconceituosas e violentas. Mas sua análise reconhece também que outras possíveis leituras podem encaminhar para conclusões bem diversas, em direções opostas a interpretações de superioridade racial ou a leituras antirreligiosas. No entanto, chama a atenção o fato de que uma das teorias científicas mais corroboradas esteja aberta a tantas e variadas compreensões (e incompreensões), principalmente em relação ao seu impacto sobre temáticas antropológicas. Boa parte dessa variedade de leituras se deve à complexidade estrutural da hipótese, juntamente com as intrincadas bases filosóficas e científicas da concepção evolucionista darwiniana, que abriu caminho para o desenvolvimento da biologia no século XX.

É esse rico contexto científico e filosófico que o professor Pedro Paulo Pimenta, especialista em filosofia moderna da Universidade de São Paulo, aborda em *Darwin e a Seleção Natural: Uma história filosófica*, publicado em 2019 pela parceria entre Edições 70 e Discurso Edital, na bem-vinda coleção *Convite à reflexão*. Trata-se de um curto e erudito ensaio, que apresenta e analisa as bases filosóficas e científicas a partir das quais Darwin desenvolve e propõe a teoria que buscou explicar o “mistério de todos os mistérios”, isto é, a origem e a diversidade das formas de vida presentes entre nós. O ensaio de Pimenta também oferece algumas possibilidades para compreendermos os diversos pontos de vista acerca da hipótese darwiniana, evidenciando as complexidades e tensões inerentes a própria teoria, inclusive aquelas que abrem brechas para interpretações perigosas de um possível “processo evolutivo”.

O livro é dividido em uma introdução e doze capítulos, que abordam as metáforas, as analogias e os conceitos específicos utilizados na teoria da evolução por seleção natural e suas consequências. De maneira geral, o ensaio se sai bem dentro dos objetivos que estabelece já na introdução, de estudar como se constituíam e operavam os mecanismos conceituais e metafóricos utilizados por Darwin para descrever a sua teoria, com o objetivo de

esclarecer seus aspectos e bases. Pimenta aponta que desenvolve o ensaio a partir da edição de *On The Origin of Species* de 1859, considerando que as edições posteriores sofreram revisões e ajustes conceituais, e da edição de *The Descent of Man* de 1876. No entanto, a data correta dessa publicação é 1871, um pequeno deslize que não traz muitas consequências para o todo.

Pimenta inicia o livro analisando a metáfora da “seleção natural”, desenvolvida por Darwin a partir da leitura da concepção malthusiana, juntamente com uma aproximação conceitual com outros elementos metafóricos, como “estado de natureza” e “luta pela sobrevivência”. Na sequência, trata dos conceitos de organismo e população, centrais para a noção de seleção utilizada por Darwin, juntamente com os conceitos de escassez e abundância, também decisivos para a compreensão do funcionamento do processo da seleção natural. A análise de Pimenta promove aproximações conceituais com outras teorias da mudança e da economia natural, considerando elementos como equilíbrio e luta pela vida, numa contextualização detalhada da obra de Darwin.

Retomando a análise sobre as metáforas, Pimenta realiza também uma aproximação das exposições metafóricas e o mundo experimental, abordando a busca darwiniana pela comprovação da hipótese da evolução por seleção natural através de evidências. Nesse sentido, discute a analogia técnica realizada por Darwin entre seleção artificial e seleção natural, assim como a concepção de finalidade, tão presente nos debates sobre as dinâmicas do mundo natural desde Aristóteles e que sofrerá um descolamento nas ciências da vida após a publicação de *On The Origin of Species*. Outros conceitos necessários para a compreensão do processo evolutivo, como a oposição e o antagonismo no mundo natural, através das relações entre os seres vivos distribuídos no espaço, e a maleabilidade das formas de vida. Nesse aspecto, concepções de evolução como “progresso” ou “direção” encontram dificuldades, uma vez que o processo descrito por Darwin envolve grande contingência.

Pimenta descreve a evolução por seleção natural como um “processo opaco”, uma vez que se trata de uma dinâmica que envolve uma série de elementos e combinações, além de uma dimensão temporal extremamente ampla. O “novo quadro da natureza” pintado por Darwin, desenvolvido a partir de metáforas e conceitos anteriores e da observação detida acerca das dinâmicas do mundo vivo, contestou o quadro fixista e sobrenatural das hipóteses da época, promovendo incômodos e questionamentos. Na análise de Pimenta, “a teoria proposta por Darwin é gestada a partir do deslocamento de uma metafísica da natureza a uma economia política.” Ao propor isso, Darwin

não apenas revoluciona a história natural e assenta as fundações de uma nova ciência, que irá florescer no século XX, a biologia, como também oferece os elementos para que a filosofia possa desfazer o encanto do qual permanecera refém até então, malgrado os esforços de um Hume, de um Diderot, de um Kant.

A palavra “evolução”, que seria utilizada apenas na sexta edição de *A Origem das Espécies* em 1872, agora descrevia o longo e lento processo natural de origem e desenvolvimento das formas de vida, no qual a tendência à variação, juntamente com a luta pela vida, eram os motores centrais. E passa a disponibilizar uma nova possibilidade explicativa para a humanidade, diferente em termos quantitativos e não qualitativos em relação às outras formas de vida, possibilidade que promove mais um deslocamento considerável nas concepções da época. Seja por parte daqueles que rechaçavam a hipótese devido à tais propostas, seja por parte daqueles que propunham questionamentos com o objetivo de compreender melhor a hipótese, poucos dos membros das comunidades científica e religiosa ficariam inertes a essa movimentação.

Ao final do livro, Pimenta promove reflexões sobre a concepção darwiniana de humanidade, considerando o quadro em aberto deixado pelo próprio Darwin. O tema foi (e é) discutido por diversos filósofos, inclusive por Friedrich Nietzsche, que, segundo Pimenta, promoveu “mal-entendidos instrutivos”. Segundo o autor, muitas das incompreensões da hipótese de Darwin envolvem as

“apropriações pela história natural, dos modelos de explicações econômicas”, que envolvem muitas vezes alguma forma de antropomorfização da natureza, que pode levar a enganos e erros. Um mal-entendido mais amplo, que não é discutido mais amplamente por Pimenta, mas que pode estar ligado à sua análise, é o “mau uso das ideias” de Darwin em programas sociais (darwinismo social e eugenia) e políticos (superioridade racial e imperialismo). Devido ao escopo, Pimenta não aborda tais apropriações nem as consequências da teoria da evolução por seleção natural, o que seria um empreendimento muito bem-vindo, devido ao seu amplo conhecimento e sua capacidade reflexiva.

Darwin e a seleção natural: Uma história filosófica é um livro curto e informativo, que busca promover uma compreensão mais detida da hipótese evolutiva darwiniana, dialogando com hipóteses filosóficas e científicas da Modernidade e que, de algum modo, serviram de base para a investigação naturalista de Darwin. Trata-se de uma contribuição importante para compreendermos as concepções que nortearam Darwin na concepção de sua hipótese. Também nos ajuda a entender a diversidade de compreensões (e incompreensões) ligadas à teoria científica que buscou (e ainda busca) explicar “o mistério de todos os mistérios”, isto é, a diversidade das formas de vida presentes na Terra.

Referências

PIMENTA, Pedro Paulo. *Darwin e a seleção natural: Uma história filosófica*. São Paulo: Edições 70 e Discurso Editorial, 2020.

PROCTOR, Robert. *Racial hygiene: Medicine under the Nazis*. Cambridge: Harvard University Press, 1988.